



Idosos imunes ao medo, jovens mais ansiosos

Quanto menor o nível de escolaridade e o rendimento, maiores são a ansiedade e as perturbações de sono, revela o estudo *Diários de Uma Pandemia*, do ISPUP

Alexandra Campos

Parece um paradoxo, mas a pandemia que está a paralisar o mundo está a provocar menos medo nos idosos do que nos jovens, quando os primeiros são os que correm mais risco de vida. Face àquela que é a primeira grande crise das suas vidas, os jovens mostram-se mais tristes e ansiosos.

A forma como este tempo de incerteza se está a reflectir no bem-estar emocional dos cidadãos é diferente entre gerações, revela o estudo *Diários de Uma Pandemia*, do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto (ISPUP) e do Instituto de Engenharia de Sistemas e Computadores, Tecnologia e Ciência (INESC TEC), que conta com o apoio do PÚBLICO.

“Os mais velhos podem não ter imunidade para o vírus, mas parecem ter mais imunidade para responder a esta situação nova. Relativizam mais porque já enfrentaram outras dificuldades e passaram por várias crises de saúde pública, como a doença das vacas loucas, a gripe das aves, o ébola. Para os mais jovens, esta é a primeira grande ameaça das suas vidas”, observa Henrique Barros, presidente do ISPUP, especialista em saúde pública e epidemiologista.

“Os mais velhos não demonstram tanto medo e ansiedade. Parecem estar um pouco imunes e isto é preocupante, porque este é o grupo que (...) corre maior risco [em termos de mortalidade e morbilidade]”, corrobora Sílvia Fraga, que coordena o grupo de epidemiologia social do ISPUP. Foram 3432 as pessoas entre os 16 e os 89 anos (uma amostra não

representativa) que participaram no estudo, relatando, através de questionários online, como estão a viver este tempo conturbado. Este é o primeiro de uma série de retratos transversais sobre a matéria que o ISPUP se propõe fazer nas próximas semanas.

Os resultados indicam que, enquanto cerca de um terço das mulheres entre os 16 e os 39 anos admite sentir tristeza, desespero ou depressão, só pouco mais de um quarto das mulheres com 60 ou mais anos diz sofrer desta forma com a pandemia de covid-19. Entre os homens, a diferença é ainda mais expressiva: se quase um quarto dos mais jovens admite sentir tristeza, desespero e depressão, apenas um em sete dos que têm 60 anos ou mais admite sentir-se assim. À pergunta “Teve uma sensação de medo como se algo terrível estivesse para acontecer?”, volta a ser

maior a proporção de jovens, relativamente aos mais velhos, que respondem sentir-se “sempre” ou “quase sempre” assim.

Globalmente, quanto à avaliação do risco que correram de ficarem infectados com o novo coronavírus na última semana de Março, cerca de 40% consideram que o risco foi “muito baixo”, sem diferenças assinaláveis entre homens e mulheres e grupos etários. As frequências mais elevadas das categorias “alto” e “muito alto” foram reportadas pelos participantes entre os 40 e os 59 anos, tanto em homens (16%) como em mulheres (12,9%). O que muda é a percepção do risco de se ser contagiado, que é menor à medida que aumenta a escolaridade. Por regiões, esta percepção do risco, particularmente o que é sentido como “muito alto”, foi menos frequente entre os residentes no



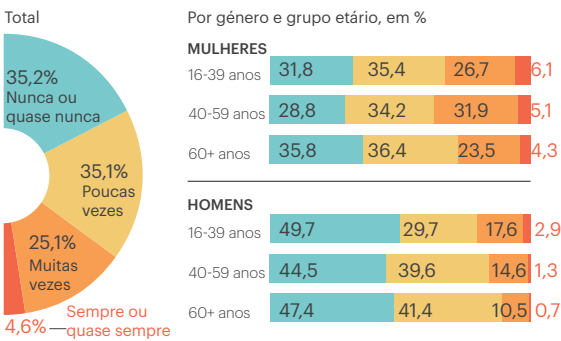
A covid-19 é mais perigosa para os mai

Algarve e na Madeira.

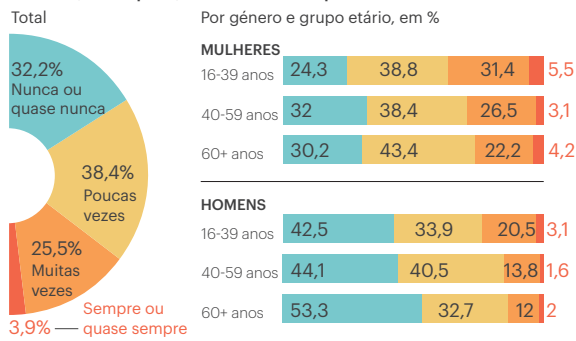
Também são expressivas as diferenças entre homens e mulheres: o medo e a ansiedade são admitidos com menor frequência pelos homens, como seria de esperar. “As mulheres estão mais ansiosas e com mais medo, têm mais dificuldades em adormecer e parecem ter menos estratégias de autocontrolo”, enumera Sílvia Fraga. Nada de particularmente surpreendente, uma vez que os homens têm

DURANTE A ÚLTIMA SEMANA, SENTIU...

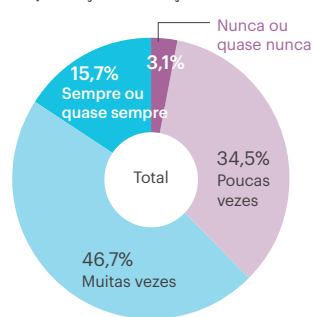
Dificuldade em adormecer



Tristeza, desespero, ansiedade ou depressão



Esperança em relação ao futuro



Fonte: ISPUP e INESC TEC



is velhos, mas não mais assustadora

habitualmente maior relutância em admitir este tipo de sentimentos. “Isto reflecte em geral o que sabemos sobre as diferenças de género”, atesta o epidemiologista.

O que se observa também é uma associação clara entre o nível de rendimentos e as dimensões analisadas: as pessoas com rendimentos “mais confortáveis” (e isto não tem que ver com os rendimentos em valor absoluto mas sim com a percepção de que

são ou não suficientes para se viver com conforto) apresentam níveis decrescentes de medo e ansiedade e de perturbações do sono, além de terem menos dificuldades em lidar com a situação actual e de perderem com menor frequência o controlo sobre a situação.

O nível de escolaridade parece funcionar igualmente como um factor de protecção. “Quanto menor a escolaridade, maior é a ansiedade e maiores

as perturbações de sono. E quanto menor o rendimento, também. Há um gradiente social marcado na resposta a esta crise”, nota Henrique Barros.

Os investigadores do ISPUP quiseram ainda perceber se as pessoas sentem esperança em relação ao futuro. A maior parte respondeu que sim – cerca de dois terços disseram que isso aconteceu, ao longo da semana, “muitas vezes” ou “sempre” e “quase sempre”. A este nível, já “é quem tem mais educação quem tem menos esperança”, enfatiza Henrique Barros. Porquê? “Provavelmente porque estas pessoas têm capacidade de integrar todos os riscos de uma maneira mais racional.” De novo, são os mais velhos que se sentem mais esperançosos em relação ao futuro.

Surpreendente é a baixa percentagem dos que dizem temer perder o emprego, um resultado que pode decorrer em parte da amostra deste estudo. Mas, para o presidente do ISPUP, há outra interpretação possível. “Algumas pessoas podem não estar a projectar-se suficientemente no futuro. Acham que esta situação é temporária, que vai acabar rapidamente. Vai ser necessário ver, se, à medida que a situação se prolongar, esta sensação de aparente segurança se irá manter.”

Henrique Barros e Sílvia Fraga acreditam que vai ser possível caracterizar melhor a situação nas próximas semanas. Afinal, ainda passou pouco tempo: o primeiro caso positivo foi reportado em Portugal em 2 de Março.

acampos@publico.pt

Portugal regista o maior número de casos num só dia

Natália Faria

Os 1516 novos casos de contágio pelo novo coronavírus contabilizados ontem pela Direcção-Geral da Saúde (DGS) representam um aumento de 10,9% face ao dia anterior. Foi o maior número de casos num só dia desde que foram detectados os primeiros, a 2 de Março. O país soma até agora 15.472 doentes, dos quais 233 recuperaram.

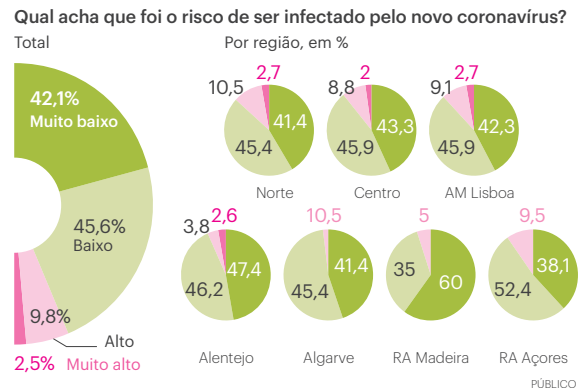
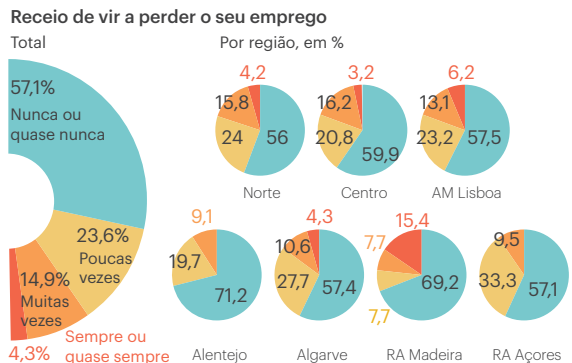
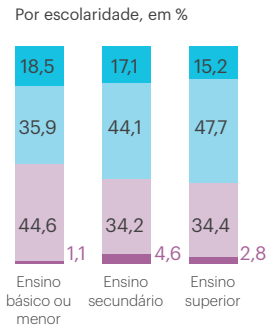
“Não podemos abrandar nem levantar a guarda”, enfatizou ontem, em conferência de imprensa, a secretária de Estado da Saúde, Jamila Madeira, numa altura em que o número de mortos subiu para 435 (mais 26 do que na quinta-feira) e a taxa de letalidade se fixa nos 2,8% (10,5%, nas pessoas com 70 ou mais anos). Por estes dias, as autoridades de saúde fazem uma média de nove mil testes diários para despiste da covid-19, mas faltou explicar se o aumento expressivo dos novos casos de contágio se ficou ou não a dever a um maior número de testes realizados. Os 1516 novos infectados com o vírus só encontram paralelo com o dia 31 de Março, em que se registaram 1035. De 8 para 9 de Abril, sublinhe-se, o aumento fora de 815 novos casos e, na véspera, de 699.

Os números divulgados pela DGS revelam que estavam internadas ontem 1179 pessoas, das quais 226 nos cuidados intensivos. O Norte do país é a região mais afectada, com 8897 casos de infecção e 240 mortes. Ainda assim, o concelho de Lisboa é o que mais casos de infecção tem: são 851, seguindo-se o concelho do Porto, com 840 casos.

Questionada sobre a situação nos lares de idosos, a directora-geral da Saúde, Graça Freitas, insistiu que “a maior parte das pessoas que têm covid-19 deve ser tratada em domicílio e o mesmo se aplica em lares em que estão várias pessoas”, “desde que separadas dos restantes residentes”. Quanto ao resto, as soluções terão de ser avaliadas pelas forças locais.

Já o presidente do Infarmed, Rui Ivo, disse que existiu um reforço de stock na ordem dos 20% dos medicamentos usados para tratar a covid-19 e que a necessidade de medicamentos como a hidroxicloroquina está a ser monitorizada. O fármaco usado no tratamento de pacientes com doenças reumatológicas está a ser administrado a doentes com covid-19 em vários países, incluindo Portugal, ainda que apenas nos doentes internados com insuficiências respiratórias.

nfaria@publico.pt





**Nova Iorque
enterra mortos
não reclamados
em valas comuns**

**Mundo ultrapassa
a barreira dos
100 mil mortos
por covid-19**

Governo dá luz verde a clubes de futebol para recorrerem ao *layoff*

Pandemia Jovens mais ansiosos e tristes. “Os mais velhos parecem ter mais imunidade para responder a esta situação nova”

Educação Exames do ensino secundário sem alterações vão testar a matéria do ano todo. Mas alunos podem escolher perguntas

Plano Marshall Como um grupo de visionários americanos lançou as bases sobre as quais nasceu e se construiu a Comunidade Europeia

Destaque, 2 a 15, 30/31, 44 e Editorial • Acompanhe em publico.pt/coronavirus

BE propõe apoios de 15 milhões de euros aos *media*

Medidas de apoio seriam para aplicar transitoriamente nos meses de Maio, Junho e Julho deste ano **p22**

F Primavera Silêncio que estão a cantar as aves



“Trump está a destruir a democracia aos poucos”

Entrevista Cientista político Daniel Ziblatt faz comparações com o que se passa na Hungria **p32/33**

HOJE Coleção Watchmen Vol. 9 — Crise
Encomende também em loja.publico.pt

Por + 9,90€